

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A equação público = privado é cada vez mais forte  
[The public = private equation is getting stronger]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.  
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

|               |   |
|---------------|---|
| Item Type     | Article   |
| Authors       | Junges, Márcia  |
| Publisher     | Instituto Humanitas Unisinos - IHU  |
| Rights        | With permission of the license/copyright holder   |
| Download date | 2026-06-21 16:21:19   |
| Link to Item  | <a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/161075">http://hdl.handle.net/20.500.12424/161075</a> |

alta mobilidade geográfica em que vivemos. Para além da manutenção das redes afetivas, o sistema viabiliza a circulação de informações sobre empregos, saúde, alimentação e muitos outros assuntos, entre os que estão fisicamente próximos e também entre os mais distantes. Os benefícios dessas apropriações sociais da interação tecnológica ainda estão por ser devidamente percebidos e discutidos.

**IHU On-Line - No caso específico do Orkut, o que a adesão a comunidades como “eu odeio quem odeia” demonstram a respeito da socialização, necessidade de aprovação e gostos dos internautas?**

**Suely Fragoso** - Eu escrevi um artigo cujo título faz menção a essas comunidades “eu odeio quem odeia”, que para mim são um retrato de uma agressividade da cultura brasileira que o senso comum reiteradamente tenta negar. Registros desse tipo estão espalhados por todo o Orkut. O texto ao qual dei esse título usa como exemplo a famosa “tomada” do Orkut em 2004, um movimento violento e xenofóbico que não tinha como objetivo apenas aumentar o número de brasileiros no Orkut, mas expulsar todos os não-brasileiros (especialmente os estadunidenses, vistos como os “donos” do Orkut porque o serviço foi criado e é mantido pelo Google). Uma das muitas práticas adotadas na época consistia em entupir com mensagens em português as “comunidades” em inglês até tornar insuportável a participação para quem não entendesse a nossa língua. Bastava entrar no Orkut para encontrar “instruções” desse tipo, mas ao mesmo tempo repetia-se na mídia (e também nas universidades) que o elevado número de brasileiros no Orkut era uma prova de que somos um povo amigável, feliz, que gosta de compartilhar e conviver com os outros. Eu conheço estrangeiros que tentaram se comunicar amigavelmente em português naquela época e foram objeto de escárnio pelos seus erros de ortografia ou conjugação de verbos e me pergunto como descreveríamos quem nos tratasse do mesmo modo no Facebook ou no Twitter, por exemplo.

## A equação público = privado é cada vez mais forte

Facebook, Twitter, Orkut. No ciberespaço, essas ferramentas quebraram o conceito tradicional de tempo e espaço, e as mudanças que promoverão no jornalismo são enormes e profundas. Muitas delas, diz Pollyana Ferrari, sequer “foram assimiladas pelos veículos de comunicação”

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO RENATO FONSECA

**A**s redes sociais que se formam na web a partir do uso de suportes tecnológicos como Facebook, Twitter e Orkut viabilizam as mudanças pelas quais o Jornalismo já passou e irá passar. Mudanças enormes, profundas, como define a jornalista Pollyana Ferrari na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. “O fazer jornalístico virou de cabeça para baixo. Hoje, temos a utilização de diferentes elementos midiáticos computacionais em rede na produção de conteúdo noticioso, aliados à interação com o usuário, o que gera grandes desafios e oportunidades.” A respeito do hipertexto, considerado uma linguagem híbrida, a pesquisadora acentua que ele é “capaz de se revigorar a partir da dicotomia entre oralidade e escrita, tornando muito positivo este movimento de ruptura, que vários autores identificam como pós-modernidade”.

Professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no departamento de Comunicação Jornalística, é graduada em Jornalismo por essa instituição. cursou mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP), com a tese *A rizomática aventura da hipermídia – uma análise da narrativa no ambiente digital*. É uma das organizadoras das obras *Hipertexto, hipermídia* (São Paulo: Editora Contexto, 2007) e *Eu, mídia* (Rio de Janeiro: Opvs, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são as principais mudanças pelas quais o jornalismo já passou e irá passar por conta das novas plataformas digitais como os blogs e microblogs (Twitter)?**

**Pollyana Ferrari** - As mudanças são enormes e profundas. Muitas ainda nem foram assimiladas pelos veículos de comunicação, mas já estão sendo viabilizadas pelas redes sociais da web. Há três anos, quem imaginaria que vídeos seriam parte de nosso cotidiano na Internet ao lado de textos? Há dez anos, quem cogitaria as câmeras digitais que nos permitem retratar, filmar, sem gasto com fil-

mes, quando tudo é registrável? Há quinze anos, quem imaginaria que e-mail ou celular seriam assim tão parte de nós? O fazer jornalístico virou de cabeça para baixo. Hoje, temos a utilização de diferentes elementos midiáticos computacionais em rede na produção de conteúdo noticioso, aliados à interação com o usuário, o que gera grandes desafios e oportunidades.

**IHU On-Line - De que forma essa cibercultura retroalimenta um novo fazer jornalístico?**

**Pollyana Ferrari** - A sociedade atu-



al move-se em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes, suas experiências de vida, enfim, da informação individualizada. Naturalmente, o processo de comunicação está relacionado de modo íntimo com esse macromercado de seres humanos que precisam de informação e comunicação todos os dias, da mesma maneira que precisam do ar que respiram. É uma retroalimentação orgânica.

#### **IHU On-Line - Qual é a característica da narrativa no ambiente digital?**

**Pollyana Ferrari** - Devem ser narrativas jornalísticas multiformes e interativas, implicando diretamente nos formatos e gêneros jornalísticos. O jornalista precisa saber manejar e editar em plataformas que utilizem diferentes elementos midiáticos computacionais em rede (áudio, vídeo, animação), aliados à interação com o usuário. Além de levar em conta o surgimento de macro e micronarrativas locais.

#### **IHU On-Line - Como a discussão sobre a não-obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão se conecta com a amplificação das possibilidades de seu exercício na web através de ferramentas como o Twitter e os blogs tradicionais?**

**Pollyana Ferrari** - Acho que essa discussão no Brasil é política e empobrecida, ligada a sindicatos, o que remete a uma visão envelhecida da profissão e não se discute a práxis jornalística, nem chegamos ainda nos meios digitais, infelizmente.

#### **IHU On-Line - Esse fenômeno demonstra que as pessoas estão cada vez mais sequiosas de informação enquanto consumidoras, ou que querem ser elas mesmas as produtoras dessa informação?**

**Pollyana Ferrari** - Acho que temos um misto dos dois mundos. Nunca se consumiu tanta informação, mas também temos os consumidores gerando muita informação. Do nosso lado, temos de ter todos os cuidados inerentes à profissão: checar muito bem a notícia, ouvir os dois lados e fazer o *copydesk* correto: tarefas que independem se a publicação é impressa ou on-line.

Fora isso, o repórter precisa pensar no áudio, vídeo e fotos, o que no meio tradicional é feito por outros profissionais.

#### **IHU On-Line - De que maneira o hipertexto se relaciona com a multiplicidade e fragmentação características de nossa sociedade contemporânea?**

**Pollyana Ferrari** - Considerado uma linguagem híbrida, o hipertexto é capaz de se revigorar a partir da dicotomia entre oralidade e escrita, tornando muito positivo este movimento de ruptura, que vários autores identificam como pós-modernidade.

#### **IHU On-Line - Ferramentas como o YouTube, Facebook e Orkut apontam para quais tendências a respeito da subjetividade e intimidade do sujeito? Em que medida tais recursos promovem a interação de redes sociais?**

**Pollyana Ferrari** - Vou dar um exem-

## “O fazer jornalístico virou de cabeça para baixo”

plo que demonstra bem essa intimidade midiática e ao mesmo tempo uma exposição para o mundo. Mariana Santarém, 18 anos, estudante de Jornalismo da PUC-SP, não sai do Twitter. Ela (<http://twitter.com/viiiixxen>) discute suas impressões sobre o mundo e também dá dicas de maquiagem e links para o seu próprio canal no YouTube (<http://www.youtube.com/user/viiiixxen>), endereço que contabilizou 49.802 visitas até março de 2009. A equação público = privado se fortalece cada vez mais. *Viiiixxen* é conhecida no ciberespaço e isso a tornou garota propaganda do Boticário. A rapidez dessas ferramentas já ultrapassou o tempo euclidiano.

#### **IHU On-Line - Que limites e possibilidades de sociabilidades vislumbramos a partir dessas tecnologias?**

**Pollyana Ferrari** - Possibilidades mil. O Facebook, por exemplo, atingiu

200 milhões de usuários, enquanto o Twitter saltou de 600 usuários para 6 milhões em apenas 12 meses. O Brasil tem 41,3 milhões de telefones fixos e 151,9 milhões de móveis. Só vejo compartilhamento em escala ascendente.

#### **IHU On-Line - É possível dizer que o espaço e o tempo merecem ser re-discutidos e novamente conceitualizados após a experiência dessas redes sociais? Por quê?**

**Pollyana Ferrari** - No meu livro *Hipertexto, hipermídia*, digo que nos deslocamos do espaço euclidiano, como nos dizia McLuhan,<sup>1</sup> aflorando geometrias não-euclidianas nas redes sociais, já que a ambiência da cibercultura nos supre de sensações capazes de gerar um olhar distante (de fora) sob as diversas formas de leitura e interpretação visual de conteúdos colaborativos. O espaço tornou-se um rizoma, repleto de ramificações. A gente não percebe isso no dia-a-dia, mas o suporte não importa mais, o *hardware* não importa mais. Se usarmos um computador pessoal, notebook, celular, ir a *lan house* ou acessar o e-mail de uma geladeira inteligente, o importante é ter a informação ao alcance das mãos, onde você precisa, na hora em que precisa.

#### **IHU On-Line - Até que ponto ferramentas como o Twitter se prestarão ao exacerbamento de informações, dando notícias que não são relevantes ao público leitor?**

**Pollyana Ferrari** - Acredito que agora o leitor faz esse filtro, já que tem papel ativo no fluxo informacional. Nós que selecionamos o joio do trigo. Vou dar dois exemplos pessoais que mostram isso: eu seguia o *G1* e o *New York Times*, mas ao perceber que as notícias entravam aos montes (automaticamente) e sem edição e critério, apenas uma ferramenta de replicagem das *home-pages*, parei de seguir.

<sup>1</sup> Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). (Nota da *IHU On-Line*)